

ANTONIETA NORONHA

Refletores, sonhos e desilusões de uma vida dedicada a viver outras vidas



Antonieta Noronha em seu posto de recepcionista na Fundação Cultural de Fortaleza, lugar que ela não troca por nenhuma sala com ar-condicionado.

Entrevista com a atriz
Antonieta Noronha,
dia 07/11/96

Texto de Abertura:

Paola Fonseca

Produção, redação,
edição e texto final:
Alethéa M. Leitão, Paola
Fonseca e Patrícia
Arruda

Participação: Adriano
Muniz, Alethéa M.
Leitão, Chagas Cunha,
Fernanda Teles, Joana
Dutra, Juliana Salomão,
Kiko Barros, Paola
Fonseca, Patrícia
Arruda, Ramiro Loutz,
Tarciano Ricarto,
Valdério Muniz.

Foto: Arquivo "O Povo".

As cortinas são fechadas. O público ainda não parou de aplaudir. Nas coxias, os colegas cumprimentam e o clima é de descontração. Missão cumprida. Todas as reverências sejam feitas ao deus Teatro. A mulher, chamada pelos seus de Antonieta, já viu essa cena se repetir inúmeras vezes, ela esteve lá, era quase como parte do cenário. Uma parte que queriam menor, uma meia dúzia de falas, um ou dois cacos, uma aparição curta. Mas, quando ela pisava o assoalho de madeira do tablado, tudo nela pulsava. Tudo em todo lugar se expandia. Acontecia o que usualmente se diz que é roubar a cena. E a jovem franzina e feinha virava uma estrela.

Hoje, aos 60 anos, com mais de 70 peças encenadas, alguns filmes rodados e vários comerciais feitos para garantir o pão, Antonieta Noronha tem um rosto com mais rugas do que a média das mulheres de sua idade. Uma denúncia de que aquela face já foi moldada, adaptada às emoções que os personagens exigiam. Um canto de boca inclinado para baixo, um riso espalhafatoso, uma mudez trans-tornada, acentuada por uns olhos esbugalhados.

Sim, ela é uma grande atriz. Sem o *glamour* e o dinheiro das *hollywoodianas*, mas com a dignidade de quem consegue administrar as lembranças dos louvores da platéia e as saudações dos amigos atores com a volta para sua casa humilde no José Walter, bairro periférico da cidade. Com a força que a faz

levantar todos os dias e se dirigir à mesa postada logo na entrada da Fundação Cultural de Fortaleza, "representar o papel de recepcionista", e ganhar por essa ponta um "cachê" de 300 reais por mês.

Uma grande atriz que ainda espera o reconhecimento, apesar de ter caído nas graças da imprensa local depois de ter trazido para casa três prêmios com um papel coadjuvante no filme "O Amor Não Acaba às 15:30", do cearense Marcos Moura. Um desses prêmios foi o "Sol de Prata" de 1995, no aclamado Cine Rio.

Uma atriz que guarda dentro de si uma mulher que amou um homem e o perdeu, quando já tinha 50 anos, para outra mulher. Mas que fala desse homem, um operário com o qual ela teve suas filhas, com um sentimento vívido. Com um respeito nobre. Uma Antonieta que revela frustrações e venturas apenas com o tom da sua voz.

No início da entrevista, inclusive, ela começou falando baixo. Depois, a exemplo de seus papéis, a voz foi crescendo. Logo vinha acompanhada de palmas, de sonoridades próprias, que imitavam outros sons. Ela também torcia as mãos e disse mais de uma vez o quanto estava feliz de estar ali, sendo entrevistada. O que não se sabe foi se Antonieta percebeu que, por trás de cada olhar inquisidor dos entrevistadores, escondia-se um profundo sentimento de respeito por alguém que viveu de viver outras vidas.



Quando a equipe de produção foi buscá-la para a entrevista, ela estava olhando umas bijuterias vendidas por uma amiga.

Entrevista - Bem, pra iniciar, no livro do Marcelo Costa, "História do Teatro Cearense", tem registrado que a senhora nasceu em Manaus. E numa entrevista com Ricardo Guilherme no Diálogo (programa de entrevistas da TV Ceará, canal 5) você falou que nasceu em Sobral. Como você explica essa contradição?

Antonieta - É o seguinte, eu vou contar. Eu nasci em Manaus mas minha mãe legítima ficou com uma mágoa do dito cujo que era meu pai. Então ela não queria admitir isto porque eu vim com a idade de um ano para minha terra, que eu considero que é Sobral (município cearense da região Norte do Estado, a 240 km de Fortaleza), aonde eu vivi 14 anos. Quando falavam alguma coisa sobre o Amazonas ela imediatamente cortava. Eu era filha de mãe sobralense, então eu tive que ser sobralense. Era uma pedação muito triste para ela ter atravessado o Amazonas comigo com a idade de um ano, decepcionada com a vida dela de mulher, por causa de um cidadão que se chamava meu pai. Ela não perdoava isso. Então eu me considero sobralense. Prova é tanto que na minha (carteira de) identidade consta que eu sou sobralense.

Entrevista - A sua mãe adotiva também era de Sobral?

Antonieta - É, minhas raízes todas são de Sobral.

Entrevista - A senhora conheceu seu pai?

Antonieta - Não, não. Ele ficou lá.

Entrevista - Eu queria saber como era a relação da senhora, e como é hoje ainda, com sua família adotiva?

Antonieta - Eu tenho um relacionamento bom. Eu vou sempre ver minhas irmãs adotivas. Eu sou como uma visitante, porque eu tenho minha vida própria, que eu mesma procurei. Mas tenho grande carinho por elas. Minha mãe de criação foi uma pessoa muito importante na minha vida, porque a mãe não é aquela que pare, é a que cria. Foi quem me deu educação, hoje eu sei entrar, sei sair. Eu sou quem sou, agradeço o que eu consegui sendo criada por ela. Meu pai adotivo era português. O pai da minha mãe adotiva era francês. Então entre o produto do meio você conseguiu minha educação. Eu sei me comportar aonde eu entro e saio.

Entrevista - A senhora teve uma criação basicamente feminina, né? Não conheceu seu pai...

Antonieta - É, só foi de mulheres. Homem, só depois que eu me casei...

Tinha um irmão adotivo mas, infelizmente, com a idade de 18 anos, apareceu uma doença nele e ele teve que se afastar da gente. Realmente parece um carma. Nunca tive sorte com homem (risos). A única raiz que eu tenho, que espero que Deus abençoe, é meu neto. Tenho fé em Deus que ele vai continuar do meu lado até...

Entrevista - Como é o nome dele?

Antonieta - É Renato Maximiliano.

Entrevista - Antonieta, alguns registros falam de uma disputa de sua família adotiva com sua família legítima. Isto teria provocado um registro tardio, com 14 anos. Isto marcou a senhora de alguma forma?

Antonieta - Não, não marcou porque eu dava preferência a minha mãe adotiva, porque é quem teve todo o trabalho, que me educou. Minha mãe (legítima) era uma pessoa humilde, foi doméstica na própria casa onde fui criada. Isso faz é me enaltecer. Porque ela era uma pessoa que trabalhou, até

“Quando eu era criança, minha casa era um hotel. Eu gostava de assobiar, e os hóspedes (...) me davam boneca, bombom, para me ver assobiando.”

eu vir pra Fortaleza, ao lado da gente, da minha mãe adotiva. Então eu tinha duas pessoas fiéis a mim, que eram minha mãe legítima e minha mãe adotiva, para me dar o amparo até onde fosse. Quando foi pra vir pra cá, por eu ser filha única, ela queria que eu não viesse. Ai a minha mãe adotiva: “Não dá, eu criei, ela é minha, eu tenho que levar.” Por minha opção, eu digo: “Eu tenho que acompanhar minha mãe, que me criou.” Eu queria muito bem a ela, ainda quero.

Entrevista - Não tinha nenhum tratamento diferenciado, não?

Antonieta - Não, de forma nenhuma. Elas são minhas irmãs adotivas e eu tenho um carinho muito grande por elas. Não havia discriminação por não ser filha, de forma nenhuma.

Entrevista - Antonieta, esta sua tendência artística você mostrava na sua infância?

Antonieta - Quando eu era criança, minha casa era um hotel. Eu gostava de assobiar, e os hóspedes da minha

casa me davam boneca, bombom, para me ver assobiando, tá entendendo? Depois, com o crescimento, eu comecei a despontar como cantora. Uma vozinha agradável, uma vozinha afinada. Eu comecei a cantar. e as minhas irmãs achavam bonito, curtiam.

Entrevista - Teve alguma influência de algum cantor?

Antonieta - Na época, quando na adolescência vim pra Fortaleza... Você sai do interior para a capital, você deixa de ser matuta (risos). Na cidade grande você cria um clima mais diferente, vai criando seu ídolo. Meu ídolo era a Ângela Maria, na época...

Entrevista - A senhora falou que a sua casa era um hotel, né?

Antonieta - É.

Entrevista - A senhora já percebeu alguma relação na composição de seus personagens e as pessoas que a senhora via passando no hotel? Um hotel é uma coisa que atrai diversos tipos de pessoas, né?

Antonieta - Não, porque realmente, na época do hotel de minha casa, eu era pequena. Quando eu vim para cá, com 14 anos, não houve esta influência. Porque geralmente uma pessoa que vem do interior, sem preparação psicológica, vem produto do meio, né? Você é uma pessoa inibida, humilde, então você não se preocupa com isso. E a propósito, eu não queria ser atriz, meu sonho era ser cantora. Queria ser uma grande cantora como a Ângela Maria e Aíla (Maria) daqui, da época. Meu sonho era esse, depois foi que eu parti para o palco.

Entrevista - Como foi?

Antonieta - Eu estudei canto... Eu sempre fui muito audaciosa; pobre audaciosa. Fui estudar canto com (o professor) Álvaro Moreno, estudei também como (maestro) Orlando Leite, e todos apreciavam minha voz e lá foi que houve o surgimento de uma pessoa que achava que eu tinha dons para outras artes.

Entrevista - Quem foi?

Antonieta - Foi a dona Branca (Freire, já falecida) que era tia da doutora Orlane Freire (professor no Conservatório de Música da UFC, falecida em 1995). E eu estudando canto na casa da senhora Celina Cerqueira Belo, que era aonde a gente tinha as aulas de canto, ela (dona Branca) disse: “Antonieta, eu vou pedir a Orlane pra lhe dar um cartãozinho para você ir até o B. de Paiva (diretor de teatro, na época comandava o Curso de Arte Dramática

A entrevista foi realizada numa das salas da sede do curso de Comunicação Social. Mas faltou a cerveja para encerrá-la.

da UFC), que ela é muito amiga de B. de Paiva, para ver se ele aproveita lá alguma coisa." Magra, feia, eu não tinha sucesso no canto porque era magra feia, não tinha chance de jeito nenhum, só possuía a voz. Ia, ganhava prêmios e tal, mas nunca emplacava de ser contratada para ser cantora.

Entrevista - *Você participou de programas de rádio, não participou?*

Antonieta - É, participei da "Voz de Ouro ABC", na época do Balman Vieira, fui classificada em segundo lugar. Não ganhei o primeiro lugar porque era feia, magra. A outra era bonita, tinha o potencial completo.

Entrevista - *Mas a senhora estava cantando a história...*

Antonieta - Sobre o quê?

Entrevista - *Como é que tinha começado... Você cantava aí recebeu...*

Antonieta - Cantava, aí recebi o cartão da doutora Orlane para ir ao B. de Paiva, por sinal fui muito bem recebida. Então ele disse: "Qual é o seu nível de escolaridade?" Eu digo: "Eu não tenho o primário, tô começando agora..."

Entrevista - *Quantos anos a senhora tinha nessa época?*

Antonieta - Vinte e dois anos, vinte e um, por aí. Então ele disse: "É, você parece que é um tipo muito diferente. Você fica na escola como ouvinte." Aí aceitei porque eu queria, né? Queria era aparecer de qualquer jeito. Então eu digo: "Pode ser que apareça uma peça que eu tenha que cantar, aí eu entro pra cantar." No meu caso o objetivo era cantar. Fui fazer a escola, como ouvinte, e foi surgindo as oportunidades. Na época o Marcus Miranda (diretor de teatro, comandou o Grupo Teatro Novo) era da TV Ceará, Canal 2, e tinha um programa pra criança, programa cômico, e ele achava que devia explorar meu lado cômico, né?

Entrevista - *Você é uma atriz cômica?*

Antonieta - O Haroldo Serra (um dos fundadores da Comédia Cearense e atual diretor) sempre me usou mais para a comédia, para fazer comédia, e outros diretores como Atualpa Paiva Reis, Leão Júnior, Marcus Miranda já me viam para outros papéis, dramáticos, de mulher do campo, a mulher sofredora, sabe?

Entrevista - *Qual o mais fácil pra senhora?*

Entrevista - *Qual o que gostava mais?*

Antonieta - Para o ator, quando ele é ator verdadeiro, não tem qualificativo de dizer se você faz o cômico ou dramático. Eu me sinto bem nos dois trabalhos, como cômica e como dramática.

Entrevista - *Da mesma forma a senhora participou muito de peças infantis... Também adultas...*

Antonieta - Infantis e adultas.

Entrevista - *O gosto também é diferente? A preferência?*

Antonieta - É, eu gosto muito de trabalhar pra criança, porque ela observa tudo, ela observa as coisas, ela curte e capta tudo que você faz. Uma vez aconteceu comigo: eu fiz, com a Comédia Cearense, a vovó do Chapeuzinho Vermelho. Minha irmã tinha viajado para o Rio (de Janeiro) e tinha trazido uma sapatilha bem interessante, com uma coisinha dourada. Eu usei no Chapeuzinho Vermelho esta dita sapatilha. Passou o tempo da peça em cartaz, eu trabalhava no Estado e calcei a dita sapatilha pra trabalhar. Chegou um dia, a senhora como o

"Para o ator, quando ele é ator verdadeiro, não tem qualificativo de dizer se você faz cômico ou dramático. Eu me sinto bem nos dois (...)."

filhinho dela, quando ele olhou pros meus pés ele disse: "Mãe, direitinho o sapato da vovó do Chapeuzinho." (risos) Como é que essa criança observou isso? Ela foi e disse: "Pois ela é a vovó." Ave-Maria, aquilo me encheu a vida, né? Criança observar o detalhe seu, quer dizer, a vovó marcou a vida daquela criança, certo? Chamou a atenção aqueles sapatinhos.

Entrevista - *Como foi que a senhora chegou à Comédia Cearense?*

Antonieta - Eu cheguei através do Curso de Arte Dramática porque o B. de Paiva era diretor do curso e também dirigia a Comédia Cearense. Ele era diretor da Comédia, e o Haroldo (Serra) era diretor de produção. Então ele me levou para fazer trabalho na Comédia Cearense na qual eu tô fazendo 28 anos. Depois foi que eu parti para trabalhar independente, né?

Entrevista - *Qual foi a sua peça de estréia e como a senhora se sentiu?*

Antonieta - A minha primeira peça de estréia foi "Antígona", de Sófocles, na Concha Acústica (da Universidade Federal do Ceará).

Entrevista - *Anterior à Comédia Cearense?*

Antonieta - Foi pelo Teatro Universitário, dirigida pelo B. de Paiva.

Entrevista - *No encerramento do CAD (Curso de Arte Dramática)?*

Antonieta - Não, era espetáculo que o B. de Paiva sempre montava com o pessoal, com Gracinha Soares, Jane Azeredo, Zé Maria Lima, Zé Maria Cunha, Nadir Saboya, sabe? Aquele elenco padrão que ele tinha, que eram as estrelas (como são hoje as estrelas globais) quando eu fazia escola. Quando a gente tava ensaiando qualquer trabalho, eu corria da escola para ir assistir aos ensaios. Eu fazia parte do corifeu (coro grego das peças clássicas). Eu não era uma atriz determinada. Eu levava o coro do cântico.

Entrevista - *Como é que a senhora se sentiu?*

Antonieta - Eu me senti bem porque é um trabalho. Você sempre acha que é um trabalho, porque tudo que você gosta você acha que é válido.

Entrevista - *A senhora ficou nervosa?*

Antonieta - É.

Entrevista - *Eu ia perguntar isso porque a senhora estreou com uma peça que é um clássico universal...*

Antonieta - Muito difícil.

Entrevista - *... Comatores de grandes nomes...*

Antonieta - De grandes nomes.

Entrevista - *Sérgio Bittencourt.*

Antonieta - Exatamente, Teresa de Paiva, eram as estrelas da época, né? Da minha escola de teatro. Mas como eu tinha o aval do B. de Paiva, eu digo: "Não, ele me botou porque acha que eu sou capaz." Então ia no embalo, ia no embalo e não temia — que eu tinha a segurança dele, né? Oval. Acho que ele não ia se prejudicar botando uma pessoa irresponsável.

Entrevista - *Além da Comédia Cearense, quais os outros grupos que a senhora participou?*

Antonieta - Eu vou lhe dizer de todos os grupos de teatro que eu tive a felicidade de me apresentar como atriz. Eu trabalhei com o grupo Cactus, que foi "Canga e Crença Meu Padim", dirigida por Leão Júnior, em que tra-



Estava vestida de calça e camiseta brancas. Em sua simplicidade, estava com pulseiras e argolas douradas e um medalhão no pescoço.

Durante toda a entrevista, Antonieta alternava o torcer de mãos com muita gesticulação. A voz foi se elevando aos poucos.



Antonieta demorou para se sentir à vontade. Mesmo depois de soltar as mãos, ela continuou batendo os dedos um contra o outro repetidamente.

balharam Martha Vasconcelos, Ieda Ester Gilda, Ródia Rogério, e outros que me falha a memória. Depois trabalhei com Atualpa Paiva Reis na peça "A Moral das Classes". Trabalhei com Luiz Gusmão, que era do TAF. Trabalhei com o próprio Marcelo Costa (diretor de teatro, trabalha com o Grupo Balaio), em "O Garoto das Botinas Vermelhas". Trabalhei como Teatro Novo do Marcus Miranda. Trabalhei com Ricardo Guilherme (ator e diretor do Curso de Arte Dramática da UFC) com o Teatro Pesquisa e trabalhava também, definitivamente, na Comédia. Essa trajetória só foi no começo e as outras (peças) que eu participei era oportunidadezinha que eu tinha, que estava com a peça em cartaz e me chamavam. Fui dirigida pelo Ivan Wilson Borges, então muitos diretores eu passei pelas mãos.

Entrevista - E falando em Marcelo Costa, ele lhe convidou para você fazer uma peça, você não aceitou... Houve um desentendimento. O que foi que houve?

Antonieta - Não faz nem dois anos isso. Ele me chamou pra fazer uma leitura dramática. Eu não estou nem lembrada do texto — Martha Vasconcelos fez a personagem que eu ia fazer no "Balaio de Risos". Eu cheguei a ler e tudo. E o Marcus Miranda me chamou para fazer "As Presepadas de Pedro Malazarte" (na verdade, "As Aventuras de Pedro Malazarte"), que era uma peça que eu já tinha feito com ele. Eu tenho respeito e carinho por todos dois, pelo Marcelo e pelo Marcus Miranda. Mas o Marcus Miranda, pra mim, é uma pessoa que acreditou no meu trabalho, que me levou a televisão, que me levou a trabalhar nos trabalhos dele. Foi uma pessoa que na minha vida pessoal me deu forças. Então eu não achava que isso ia ofender o Marcelo, que ele ia compreender esta minha atitude e, no entanto, não foi, porque ele disse em alto e bom tom, no Diálogo, que tinha ficado magoado comigo e que não me chamava mais pra trabalhar no Grupo Balaio por esse equívoco. Mas um dia ele vai precisar de mim.

Entrevista - Fora todos esses grupos, você declarou que só foi excluída pelo grupo do J. Cabral...

Antonieta - O J. Cabral foi um dos que... Ninguém sabe nem dizer realmente quem começou, porque um diz que o B. de Paiva foi o ponto, outro diz que foi o J. Cabral... Mas o J. Cabral tinha uma picuinha com o B. de Paiva, porque o B. de Paiva conseguiu galgar uma coisa melhor do que ele. O teatro do B. de Paiva come-

çou a ser mais acreditado... E uma vez, eu com o grupo de alunos, na época que eu era aluna, ele (J. Cabral) tava ensaiando a Semana Santa e fomos até lá. Eu tinha vontade de fazer a samaritana. Fomos até lá, e chegou lá disseram: "Ô, J. Cabral, a Antonieta Noronha, discípula do B. de Paiva, mas tá querendo fazer parte do seu elenco. Ela gostaria de fazer a samaritana." Ele disse: "É, eu vou fazer um teste." Ele velhinho. Eu fui fazer o teste, aí ele quando soube que eu era do B. de Paiva ele citou logo: "Discípula do B. de Paiva." Foi uma facada pra ele. Aí ele: "Não..." Ele falava um pouco fanhoso: "Não! Essa daí não dá pra nada não!" (imitando a voz fanhosa do J. Cabral — risos). Aí me cortou. Tudo bem.

Entrevista - A senhora afirmou numa entrevista que o seu papel marcante foi a beatada "Morro do Ouro". Para quem representou quase 70 pa-

"Eu tenho respeito e carinho por todos dois, pelo Marcelo e pelo Marcus Miranda. Mas o Marcus Miranda (...) é uma pessoa que acreditou no meu trabalho."

péis o que é que esse papel significa? Qual a justificativa para ele ser o mais marcante?

Antonieta - É porque ela era uma pessoa do interior, né? A mãe da Madalena... Porque no "Morro do Ouro" eu fiz dois personagens. Meu primeiro personagem do "Morro do Ouro" eu fazia uma lavadeira, que tinha que substituir uma universitária que deixou o papel no dia 28 de outubro, Dia do Funcionário Público, em que o teatro estava lotado. Isto era praxe. Os governos nessa época davam valor... Que eu fiquei indignada agora, o doutor Cláudio Pereira (diretor da Fundação Cultural de Fortaleza) me disse que o Secretário de Cultura do Estado, Paulo Linhares, disse que não existe teatro no Ceará a não ser agora na gestão dele. Ele tá caindo em falta com isso porque a Comédia Cearense é um nome! (com ênfase) E um nome nacional! O teatro, os atores do Ceará tem Emiliano (Queiroz, ator da Rede Globo) que marcou na TV Canal 2. Tem o Marcus Miranda que é um cidadão que merece respeito.

Entrevista - Isto é desprezar 40 anos...

Antonieta - Exatamente! E tam-

bém tem o Curso de Arte Dramática. Se ele tem a política dele eu respeito, é claro, mas não venha dizer que agora que tá surgindo, que não tem... (alterando a voz e demonstrando revolta e indignação). Quem foi que fez uma peça que marcou, como marcou o Haroldo Serra com "O Beijo no Asfalto" com Aderbal Freire? Quem foi que marcou "O Pagador de Promessa" com o Zé Alberto, grande ator que me arrepiou? Gracinha Soares, que era uma grande atriz que eu tiro o chapéu, (permanece enfática). Lourdes Martins, uma grande atriz da Comédia Cearense. Um Secretário de Cultura abrir a boca pra dizer um negócio deste, é um acinte à gente das antigas! E aonde estou eu, que dei ao Marcos Moura (cineasta cearense, autor do curta "O Amor Não Acaba às 15:30") o prêmio de melhor atriz do Brasil, que veio da Comédia Cearense, ahn? Isso aí me indignou... Que ele tenha os seus apadrinhamentos, ele tenha! Mas não venha desprezar o Haroldo Serra, e nem o Marcus Miranda, e nem os outros que plantaram a arte no Ceará. Isto é um desrespeito (baixando a voz). Quem disse foi o doutor Cláudio Pereira. (enfática) Ontem ele me disse isso e eu disse que nessa entrevista de hoje eu ia falar disso.

Entrevista - A senhora, então, associaria a essa posição, digamos, a situação em que atrizes como a Gasparina Germano (grande atriz da década de trinta que hoje mendiga nas ruas do Centro da cidade)...

Antonieta - (No mesmo tom de antes) Gasparina Germano! O próprio doutor Manuelito Eduardo que foi um grande ator, além de autor. Ele trabalhou a primeira versão da "Valsa Proibida", foi levada por ele. Eu não vi, mas sei a história. Eu acho que ele (o Secretário de Cultura do Estado) não leu "A História do Teatro Cearense", do Marcelo Costa, pra abrir a boca pra dizer um negócio desse... Me feriu (baixinho), me feriu! (indignada). E é porque não sou das antigas. Eu já venho da década de 64. O B. de Paiva disse assim: "É demais!" Tenho respeito pelo senhor Secretário de Cultura, mas não diga isto outra vez, não. Pelo amor de Deus...

Entrevista - Estes novos talentos que ele considera o teatro que passa a existir hoje, essas pessoas que estão trabalhando, quem a senhora atualmente considera, acredita, conhece...

Antonieta - Ainda estou procurando... Eu não vejo! Não tô vendo trabalho. Mas eu posso dizer isso, que a única pessoa que ainda tá fazendo

Antonieta nasceu no dia 13 de agosto de 1936 mas só foi registrada em 1944, pela família adotiva Hardy Gomes.

teatro e que se vê alguma coisa sobre teatro é Marcelo Costa, e o Haroldo (Serra). Os outros são os outros.

Entrevista - A senhora acompanha as produções?

Antonieta - Eu não perco uma. Eu não perco.

Entrevista - Até faz parte também.

Antonieta - Faço.

Entrevista - Você participou da "Aurora da Minha Vida" (de Naum Alves de Souza)...

Antonieta - A "Aurora", porque é da minha escola, porque eu não tinha feito um trabalho com João Falcão, e tinha muita vontade de fazer o trabalho com a direção do João, que foi muito boa. Um espetáculo. Foi muito bom.

Entrevista - Antonieta, vamos voltar um pouquinho a história.

Antonieta - Pois não.

Entrevista - Queria falar sobre a história do teleteatro, quando você participou nas peças na TV Ceará, Canal 2...

Antonieta - Eu participei dos "Dois Na Berlinda", depois entrei como elenco de apoio fazendo uma governanta, fazendo sempre papéis pequenos com o (ator cearense) Ary Sherlock.

Entrevista - Foi nessa época que teve uma cena de cama?

Antonieta - Ah, isso! Aí houve uma situação picante. Eu ainda morava na minha residência com minhas irmãs adotivas que, nessa época, eram pessoas muito preconceituosas, né? Então, "O Chão dos Mortos", eu com o Marcus Miranda fizemos uma cena de cama, nada de anormal, nós dois lá dormindo na cama. Foi um escândalo para o meu povo (risos).

Entrevista - E como foi a cena?

Antonieta - Só nós dois, dois velhos — velho não que eu ainda era nova — (risos) deitados na cama. Simples. E eu sapequei a perninha, porque eu sempre fui safadinha (risos). Era maldosa.

Entrevista - Não tava no roteiro não essa perninha?

Antonieta - Tava não. Foi audácia minha. Eu sempre fui audaciosa.

Entrevista - E nessa época nem tinha vídeo-tape, tudo era feito ao vivo... Teve alguma cena engraçada com essa questão do ao vivo?

Antonieta - Ah, é por isso que hoje eu tenho o dom da improvisação. Tenho o dom da improvisação por isso.

Entrevista - Você acha que aprendeu isso na televisão?

Antonieta - Na televisão, porque você recebia o texto cinco horas da tarde pra entrar em cena às oito da noite. Então você não ia ficar com a cara de pateta, olhando para as câmaras: "Que é que eu vou dizer?" A câmara em cima de você, você tinha que improvisar.

Entrevista - E ainda hoje, nas peças, você improvisa?

Antonieta - Eu ainda hoje improviso porque eu sou ruim de memória. O Marcos Moura teve uma briguinha agora comigo e ele foi e disse: "É, você ganhou prêmio graças a você mesmo, mas você também ganhou prêmio graças ao meu talento, que você não decora texto." Não decoro não, improviso mais do que decoro.

Entrevista - E às vezes não atrapalha você improvisar?

"Eu com o Marcus Miranda fizemos uma cena de cama, nada de anormal, nós dois lá dormindo na cama. Foi um escândalo para o meu povo."

Antonieta - Não atrapalha porque eu já tenho aquela colocação certa. Para uma pessoa que está começando agora, não vai cair nessa não que se perde (risos). Mas uma pessoa que tem a tarimba que eu tenho, que eu já venho de uma escola, na época da TVC, né? (na verdade, ela se refere à extinta TV Ceará, canal 2). Eu não vou ficar a ver navios olhando para as câmaras. Eu tenho que dizer alguma coisa dentro da lógica, claro que você não vai dizer uma coisa imbecil, você tem que dizer uma coisa concreta.

Entrevista - Dona Antonieta, eu queria saber como é que se dá o processo de construção de seus personagens. Há algum estudo, você faz algum estudo antes de compor seus personagens?

Antonieta - Eu leio o texto todo. Depois vêm os ensaios, leitura branca e dentro do processo eu vou criando o meu tipo, que acho que deve acontecer, que vai ser uma marca. Eu não sou muito de ler, não.

Entrevista - É espontâneo?

Antonieta - É espontâneo.

Entrevista - Pois é, Antonieta. Eu queria falar justamente isso. Uma das pessoas ligadas ao teatro que a gente teve oportunidade de conversar disse que essa coisa da intuição, da senhora não ser uma pessoa que se dedica muito a ler os personagens, teria sido um obstáculo para a senhora lerida ao eixo Rio-São Paulo. O que é que a senhora pensa sobre isso?

Antonieta - Tá certo que eu sou muito intuitiva. Eu era uma pessoa que eu comecei a fazer o Curso de Arte Dramática e deixei a sétima série, parei os estudos. Não sou a pessoa letrada, não tenho faculdade, eu fiz o segundo grau por supletivo. E meus personagens eram trabalhados porque eu nasci com o dom, com o talento de representar, com esse dom que me apareceu de representar. Então não é através de estudo, de técnica, disso que eu faço a minha arte, não. Eu faço, eu pego o texto, eu leio, ensaio e tan e tan.

Entrevista - Entre esses seus personagens que surgem espontaneamente, existe algum personagem que você construiu e não lhe satisfaz? Quer dizer, todos sempre dão certo?

Antonieta - Sempre dão certo porque quando eu sinto que eu não vou ter respaldo com esse trabalho eu não faço. Se, por exemplo, um diretor chega aqui: "Antonieta, quero que você trabalhe esse texto aqui para 15 dias". Eu sou ruim de memória. Para eu construir o personagem, eu não vou vomitar texto. Eu vou estudar um processo (pausa) do personagem. Quando eu vejo que não tenho possibilidade de fazer eu digo: "Não, tá aqui seu papel, tá aqui seu texto, me desculpe mas não dá para eu fazer."

Entrevista - Dona Antonieta, a senhora se ressentia dessa falta de educação formal, de não ter concluído os estudos?

Antonieta - Não me faz falta.

Entrevista - Nem na construção também de seus personagens?

Antonieta - Nada, nada. Porque eu era uma pessoa que não tinha grau de cultura bastante, mas, devido à convivência, ao desenrolar do processo do meu trabalho — vindo da escola de teatro, convivendo com pessoas preparadas —, eu fui adquirindo o molejo do linguajar, do comportamento, do estudo, de ler bem, porque no começo eu lia pessimamente, hoje eu não leio mais pessimamente, eu leio bem.

Entrevista - Entre técnica e improvisação, o que você acha mais importante?



A mãe legítima de Antonieta era doméstica na casa onde ela foi adotada mas o fato, ao invés de envergonhá-la, a orgulha.

Os olhos de Antonieta brilham quando ela fala sobre seu netinho Renato Maximiliano, de quatro anos, que acredita ser o único homem que permanecerá ao seu lado.



Antonieta adora dormir até mais tarde, pois é de noite que encontra o tempo precioso para ensaiar, conforme declarou numa entrevista ao Diário do Nordeste em 07/08/95.

Antonieta - O ator, por mais que ele seja intuitivo, ele tem técnica. Porque, se eu tô fazendo uma cena com você e pego aqui na sua mão, eu tenho que ter técnica para não magoar, não lhe ferir. Porque, se eu não tiver, eu vou te ofender, eu vou te machucar. Você adquire a técnica no desenvolver de seu trabalho.

Entrevista - E a improvisação?

Antonieta - E a improvisação porque você esquece o texto e você não vai ficar com cara de pateta (risos). Você tem que entrar com recurso que não prejudique o autor. O autor acima de tudo tem que ser respeitado, né?

Entrevista - Dona Antonieta, a gente percebe que no Brasil se tornou meio chique dizer que é modelo e atriz. Todo mundo acha assim: "Não, eu sou modelo e atriz." Meio que banaliza a questão da formação. Eu queria saber: aqui no Ceará — acho que não é só no Ceará — tem muitas oficinas de 15 dias, de um mês, de teatro. E quando as pessoas saem desses cursos já se acham autores. Isso justifica a falta de produções teatrais?

Antonieta - Ai é que está o erro. Ai é que esta velha que tá presente aqui a vocês é que é contra as oficinas.

Entrevista - A senhora, inclusive estava me dizendo agora, quando a gente vinha no carro, que a senhora frequentemente recebe convites...

Antonieta - Recebo convites para dar oficinas, pra dirigir peça, e eu recuso. Eu sou pobre, vou morrer pobre, mas eu não uso este expediente não. Porque eu acho que pra você jogar um ator na peça, você antes de tudo tem que ter respeito com o público e com você mesmo que está dirigindo o espetáculo. Então eu acho uma falha grandiosíssima — que os oficinheiros me perdoem mas eu sou sincera e digo isso aqui e aonde eu chegar. Quando existem os cursos que são feitos por pessoas que pegam atores e vão fazer uma reciclagem, como veio o (ator global) Jonas Bloch, (o diretor teatral) Aderbal Freire, o (ator já falecido) Rubens Correia... Eu também fiz mas foi como uma reciclagem para ele ver teu potencial, fazer a crítica dele, para saber se realmente eu — diante deles que são, quer queira quer não queira, eles são o dono da bola toda — eu vou saber se eu sou atriz mesmo é agora fazendo oficina com Jonas Bloch, essa gente. Então você sai gratificado. Mas fazer oficina com pessoas que estão começando que não tem dez, vinte, trinta anos de teatro... Se o Haroldo

der um curso, se o João Falcão der um curso e o (Marcus) Miranda, ai tá certo, são pessoas que têm tarimba, têm conhecimento de palco, de autores, de cenas, de peça, de tudo, de televisão. A coisa mais horrível é você assistir a um espetáculo e ver o ator no palco quente, sem saber onde pisar, sem saber onde colocar as mãos, sem saber como é que faça, e bota as mãos pra cá e bota as mãos...

Entrevista - Mas assim, esses cursos não existem, e a técnica também é importante. Se não forem as oficinas de que forma se aprende a técnica?

Antonieta - Você tem que ir numa escola de aprendizagem mais categorizada como o Curso de Arte Dramática. Quem é que está no Curso de Arte Dramática? O Ricardo Guilherme, que é um alto estudioso, é um grande ator, é um professor integro. Ele nasceu

“Eu acho que pra você jogar um ator na peça, você antes de tudo tem que ter respeito com o público e com você mesmo que está dirigindo o espetáculo.”

para isso, como eu nasci para a arte cênica. Teve o Miranda na minha época, dona Teresa (de Paiva). Se você fizer uma escola de teatro esse você der uma oficina, tudo bem, ainda vai. Mas preparando aquela pessoa que está fazendo a oficina com você, dizendo: “Olha, gente, isso aqui é a oficina de teatro apenas para você... Ainda não é a base, é apenas para você ter o conhecimento do que é teatro.” Não é você terminar essa oficina e no outro dia você é ator, é diretor, é cenógrafo. Ai você vai assistir... Cadê o espetáculo?

Entrevista - Antonieta, existe uma grande proliferação de grupos amadores na cidade. Você acha que falta no nosso Estado investimento maior nesse processo de profissionalização do ator?

Antonieta - Mas como é que pode profissionalizar se os grupos não dão respaldo pra isso? O Ricardo Guilherme, admito. Um Curso de Arte Dramática quando vem com um trabalho do diretor da escola que faz um trabalho bonito, eu ainda admito que está na hora de as autoridades (pausa) aproveitarem. Agora, de todo grupo de teatro que você procurar patrocina-

dor, ajuda, meu irmão, é uma tristeza! É por isso que eu tenho medo, continuo tendo medo, de nosso teatro ser desacreditado, porque tem os elencos, bons elencos, as boas companhias de teatro, mas tem outras que não são, que montam barbaramente seus espetáculos e o povo que vai assistir sai decepcionado. Ai, uma pessoa que tem tarimba, comércio, peito como o Haroldo Serra... Como o Haroldo não acontece isso porque ele já é conhecido nacionalmente, existe o respeito. Mas, por exemplo, se eu fosse diretora de teatro, dirigir um espetáculo bonito como o João (Falcão) dirigiu “Aurora da Minha Vida”... Mas o povo fica com medo de ir porque pensa que é igual o que ele viu no passado.

Entrevista - Antonieta, esse projeto do governo de Centro Cultural Dragão do Mar teria algum curso nessa área de teatro? Como é que você vê isso?

Antonieta - Não me fale nisso não, que eu não tomo nem conhecimento disso. O governo Tasso Jereissati só valoriza gente de fora, não valoriza gente da terra, não. É uma tristeza.

Entrevista - Antonieta, na sua época o que foi que realmente faltou para ter ido ao eixo Rio-São Paulo? Foi desinteresse ou falta de convite?

Antonieta - Eu? É porque eu não sou pretensiosa, meu filho. Dizem que sou boa... Tem muita gente melhor do que eu lá desempregado e não tem chance. Por que é que eu ia? Não tinha pretensão. Quando acontece com o cearense, principalmente agora na área de humor — que tá dando essa dor de cabeça, que me perdoem, mas é a verdade — é um estalo que acontece, (pausa) como aconteceu com o Aderbal. Aderbal Freire é um grande diretor mas ele só é de teatro, nunca houve abertura para ele na televisão. Então ele só é conhecido lá no Rio de Janeiro, nacionalmente ele não é. Ele tornou-se conhecido porque ele ganhou o Prêmio Molière e é escolhido pra dirigir as grandes peças com as grandes estrelas nacionais. Tem o Euclemar Nunes que mora lá, que ensina no Martins Pena, que faz os trabalhos dele lá, com os alunos, tem o Auri Peres, tudo é gente nossa, maravilhosa, mas não tem o nome nacional porque não pintou a Globo como pintou pro Tom (Cavalcante), que já tá enchendo o saco.

Entrevista - A senhora tem críticas a estes grupos de humor, esses novos?

Antonieta - Tenho.

As sobranceiras são um dos elementos mais expressivos de Antonieta Noronha. Sempre que quer ser enfática elas ficam arqueadas.

Entrevista - Quais?

Antonieta - Pra todos, porque se você abre a televisão vê a Meirinha. Abre vê a ... Como é o nome da outra?

Entrevista - A Rossicléia.

Antonieta - É a xerox! Você vê o Lailinho Brega... O Falcão é único, que o Falcão é inteligente. Um homem fantástico.

Entrevista - E o Tom?

Antonieta - O Tom é como eu se tivesse aderido ao humor. Ele é ator de improviso. Se você der um texto a ele, acabou o homem, acabou o artista. Mas ele é bom, eu não tiro o valor dele. Também o nosso mestre Chico Anísio. Sem querer puxar o saco, ele é o papa. É como eu fui com o B. de Paiva. Hoje, eu não vou querer ser mais do que o B. de Paiva, do que Marcus Miranda, do que o próprio Ricardo Guilherme, porque o Ricardo é nato, Ricardo é um rapaz que nasceu pra ser ator, nasceu pra ser diretor. Além dele nascer pra essa coisa, ele é um estúdio dentro da matéria.

Entrevista - Eutenho percebido uma expressão muito recorrente do seu discurso de que é feia, magra. Sempre se remete a isso. Essa idéia que a senhora tinha de feia, magra, este estereótipo a levava sempre para esses papéis de ponta que a senhora fez? Sempre pra papéis de comédia? A que atribui isso?

Antonieta - Eu atribuo à feiúra, à magreza para o canto.

Entrevista - Certo.

Entrevista - Mas para o teatro...

Antonieta - Para o teatro ajudou na parte cômica. Mas depois eu tomei outra fôrma (risos). Fiquei gorda, fiquei melhor, aí surgiram outros trabalhos que compunham a coisa.

Entrevista - E qual foi a causa dessa...

Antonieta - Discriminação?

Entrevista - É, por que tantas pontas?

Antonieta - É porque a Comédia Cearense tinha a estrela, que é a mulher do Haroldo, a Hiramisa (Serra), né? Tinha a Lourdinha Martins, que era uma boa atriz, era coadjuvante como eu, e também devido à dificuldade de eu não decorar texto (risos). Então eu fazia sempre os papéis pequenos porque compunha e saía bem feito — o texto não era muito válido — eram poucas falas e dava certo.

Entrevista - A senhora se ressentia

disso, de ter interpretado só personagens de ponta?

Antonieta - Não, porque realmente você se ressentiria se não tivesse marcado. Apesar dos pequenos papéis que eu fiz, todos eles marcaram. Todo mundo comentava: "A Antonieta tava excelente no papel da lavadeira. A Antonieta tava dando um show na briga dela com a Lourdinha (Martins)." Quer dizer, se sobressaía, porque tem isso, você pode ser a protagonista mas, se você não tem talento, você não pode ter o brilho da que faz a coadjuvante que apareceu mais do que você.

Entrevista - Antonieta, a senhora acha que o fato da senhora ser mulher ajudou, atrapalhou, influenciou de alguma forma sua carreira artística?

Antonieta - Não, de forma nenhuma. Eu toda vida fui independente, eu toda vida fui uma pessoa que eu sabia entrar, sabia sair, eu nunca meti os pés pelas mãos, né?

Entrevista - Qual foi a sua maior dificuldade na carreira como atriz?

"O Tom (Cavalcante) é como eu se tivesse aderido ao humor. Ele é ator de improviso. Se você der um texto a ele, acabou o homem, acabou o artista."

Antonieta - A minha decepção que você pode falar que eu tive foi a obsessão por cantar. Então o Haroldo Serra montou a peça "O Casamento da Peraldiana" (de Carlos Câmara, 1881-1939) e que tinha personagem pra eu trabalhar e não me convidaram — por eu ser da Comédia — e não me deram a oportunidade X, eu queria aparecer como cantora no teatro. Fechou a porta pra mim. Isso aí foi um baque muito grande, mas tudo tem sua vez, sua hora. Ai o Marcus Miranda monta a peça "Dona Xepa" (de Pedro Bloch), em que eu fazia uma personagem, que eu me inspirei numa irmã do Otávio Santiago (morava pertinho do Teatro Universitário), que era meio debilóide, eu me inspirei nela. O personagem arrasou na Dona Xepa. Quando a Comédia fechou a porta na Peraldiana pra mim, o Miranda abriu uma janela na Dona Xepa. Então são coisas que você se decepciona, mas vem outra coisa e lhe gratifica. Não dá tempo de você sofrer.

Entrevista - Só depois de 30 anos de carreira, com um curta (um curta onde a senhora não era a atriz principal, era uma coadjuvante e roubou a cena), a senhora teve o reconhecimento da imprensa cearense, depois de ter ganhado um prêmio aqui em Fortaleza, depois em São Luís, depois no Rio de Janeiro. Isso não dá uma mágoa, não dá vontade de se esconder da imprensa? Isso não dá uma certa frustração?

Antonieta - Deu, e eu falei isso, mas o que é que a gente pode fazer? Santo de casa não obra milagre, né? Se eu tivesse ganhado só até o Maranhão a imprensa não tinha nem chegado perto de mim, mas como eu subi as escadarias do Copacabana Palace pra receber o Troféu Sol de Prata aí a imprensa veio a mim.

Entrevista - Dona Antonieta queria que a senhora avaliasse o papel da imprensa no processo de divulgação da arte.

Antonieta - É uma falha. Porque você pode prestar atenção que, se houver qualquer evento que se relacione à arte cênica, pra ser entrevistados só é Haroldo, Hiramisa e Ricardo Guilherme. Ricardo Guilherme, Hiramisa e Haroldo Serra. Hiramisa, Haroldo Serra e Ricardo Guilherme... Os outros são os outros. Mas é marketing que eles fazem. E a gente não pode obrigar. Você acha que pode obrigar? Não posso obrigar a imprensa a procurar Antonieta Noronha pra ser entrevistada nisso, naquilo. Ela não é diretora, ela não tem grupo de teatro, ela é atriz. Então pronto. Atriz não é a principal. Então por que vai procurar a Antonieta? Procurou quando ela fez uma coadjuvante, e que se tornou atriz principal, e que encheu o olho do Ceará, que deu nome ao Ceará em matéria de representação.

Entrevista - Você não acha estranho que este prêmio tenha vindo, apesar de você ser uma atriz essencialmente de teatro, pelo cinema, num momento em que o teatro tava decadente?

Antonieta - Mas o nosso teatro nunca teve decadente! (enfática) É o povo que quer fazer que nosso teatro seja decadente. Não dá! Os grupos do Haroldo, do Marcelo Costa, estão aí representando todo tempo. Falta é o respeito, é o que tá faltando das autoridades, da imprensa, divulgar o nosso trabalho. Eles vão procurar o marketing da Globo que já está feito, eles não precisam da imprensa daqui não, eles já têm nome e é o que tá faltando, é essa compreensão da imprensa cearense. É tirar o chapéu para quem já tá com



Para Marcelo Costa, "a carreira do ator no Ceará dura em média dez anos, isto para aqueles mais dedicados ou mais destacados." Antonieta tem trinta anos de teatro.

Antonieta é uma mulher de pausas e interpretações. Baixa a voz quando quer concluir algo ou quando lembra de outros tempos.



Participou de novelas como "As Duas Órfãs" (1964 e 1965), dirigida por Ary Sherlock, onde fazia uma governanta.

chapéu e mais chapéu em cima da cabeça (pausa) de sucesso. A prova é tanto, antes do Tom Cavalcante ir pra multinacional (na verdade ela se refere à Rede Globo de televisão) você via a imprensa correndo atrás dele? Ele só tinha nome porque trabalhou no rádio também, no programa do (radialista) Paulo Oliveira. Mas alguém ia atrás dele? Quem era que ia atrás? Foram atrás dele depois do Emiliano (Queiroz). Depois que eles foram "simbora". Agora é que tá melhorando com essa influência, essa coisa que tá acontecendo aí do humor (pausa). Eu vi aquele Lailinho Brega dá vontade de você chorar! (risos)

Entrevista - Dona Antonieta, queria que você falasse sobre como você iniciou no cinema.

Antonieta - Eu comecei no cinema... A (atriz) Vera Fisher com o (ator) Perry Sales como diretor vieram filmar a obra de Rachel de Queiroz, "Dora Doralina". E o Perry foi de chapa com a minha cara. A Hiramisa, nessa época, era diretora do Teatro José de Alencar, e ele (Perry) pediu que ela apresentasse uns atores. Eu tava lá no meu cantinho aí disseram: "Aquele ali é atriz?" Aí a Hiramisa: "É, é do meu grupo." "Pois ela vai ser a minha Xavinha." É uma personagem que era a mãe-de-leite da Vera Fisher, uma criada, e que tinha que pelar o cabelo porque tinha uma doença. "Antonieta, você corta o seu cabelo? Péla, faz umas feridas?" "Faço." (risos) Aí aceitei, fiz o "Dora Doralina", aí veio o filme "Tigipió", do (cineasta cearense) Pedro Jorge (de Castro), depois veio o "Cotidiano", que é um filme lindo, do (também cineasta cearense) Nilton Venâncio, "O Cotidiano Perdido no Tempo", a história de três velhinhas. Depois veio a "Luzia Homem" (do diretor Fábio Barreto), em que eu fiz uma cena linda... Eu fiz o papel da avó. Se fosse uma atriz da Globo era o principal papel, a velha era a latifundiária, era a dona de tudo, mas a estrela era a Claudia Ohana...

Entrevista - Mas o papel principal não é a Luzia Homem? Eu não entendo por que a latifundiária seria a mais importante...

Antonieta - Porque ela era a avó, era a dona das terras... A Luzia Homem é porque o autor descreveu uma estrela. Mas a dona se você lê o...

Entrevista - É a personagem forte, né?

Antonieta - ...Se você lê o livro do Hermano...

Entrevista - Domingos Olímpio.

Antonieta - Ah! Domingos Olímpio, né? Tô confundindo com "Tigipió". Realmente (Luzia Homem) foi uma história verídica, na minha terra em Sobral, e ela não tinha nada de ser boiadeira, nada de ser o rei do gado não (risos). Ela era uma pessoa que trabalhava em construção, construiu a própria cadeia de Sobral e depois ela inaugurou porque ela matou o Crapiúna. Ela mesma inaugurou a cadeia de Sobral. Logo o Fábio Júnior, o Fábio Barreto... Ah! Ele ia me matar... Fábio Barreto (risos) foi que fez esse roteiro, botando a mulher como vaqueira. Mais um fracasso, triste este, só salvava mesmo a fotografia. E o meu personagem era lindo, bellissimo. A velha tinha uma cena de morte, ela morria dentro dum prato. Pufo! A cara num prato de comida, na hora do jantar... e o (ator) Zé de Abreu chegava: "Vovó! Vovó!" Que agora ele trocou a avó pela mãe,

"A velha tinha uma cena de morte, ela morria dentro dum prato. Pufo! A cara num prato de comida, na hora do jantar (...) E você vai assistir o filme, o filme cortado (...)."

que aonde ele me encontra eu sou a mãe dele, sou mais avó não! (risos). "Vovó! Vovó!" e cortaram o filme (pausa). Aí quando eu fui assistir quase que eu tive um enfarto (risos). O homem me aplaudiu, do diretor o Fábio Barreto até a parte técnica, de câmara, de tudo, e você vai assistir o filme, o filme cortado, a sua cena cortada, eu digo: "Que diabo é isso?" Mas deixa pra lá, é coisa de diretor. Veio também "O Calor da Pele", e depois esse grande "O Amor Não Acaba às 15:30" (Marcos Moura). Também trabalhei com Rosemberg Cariry (cineasta cearense que dirigiu, entre outros, "Corisco e Dadá"), que também quero meter o pau no Rosemberg Cariry (risos) porque eles só convidam atores do Rio, não convidam gente da terra... Então só quem ganhou prêmio no filme dele foi o povo do Rio. Não teve um prêmio para ninguém daqui do Ceará. O filme dele como diretor, ele não ganhou prêmio nenhum, quem ganhou só foi o (ator) Chico Diaz e a (atriz) Dira Paes agora no Festival de Brasília.

Entrevista - No "Calor da Pele" chamaram os atores no palco, os atores do Rio, do eixo sul, do...

Antonieta - Foi! Você viu, você estava lá? (risos).

Entrevista - Seu nome foi aclamado pelo grande público...

Antonieta - Pelo público geral... A plateia toda... me enaltecendo. O diretor do BNB, que era o doutor João Melo, ficou tão... Eu sabia lógico (exclamativa) que o buquê de flores era um pra (atriz) Denise Milfont e outro pra (atriz) Patrícia França. A Denise Milfont que é filha de pai cearense, e que viu o meu nome sendo vibrado... O doutor João Melo foi o jeito entregar o buquê de rosa a mim. Eu também respeitosamente recebi... (risos)

Entrevista - A improvisação alguma vez amedrontou um diretor?

Antonieta - Não porque os diretores que eu trabalhei foi daqui, então todo mundo já sabia da minha porrice louca (risos), né? Ele não tinha que ter medo, que sabia que dava certo... O próprio Marcos Moura viu urso de gola me dirigindo. Fez milagre (risos), como ele diz.

Entrevista - Antonieta com relação ao cachê, é melhor no cinema, no teatro?

Antonieta - Meu filho falando bem... (risos) não tem comparação nem de um, nem do outro. É uma tristeza...

Entrevista - Comerciais têm algum retorno?

Antonieta - Comercial tem, que você gasta uma manhã, ganha seus 300 reais, 200, que eu agora tô ficando macaca velha (risos). Eu agora tô querendo retorno... pela minha arte!

Entrevista - Quanto é mais ou menos o cachê de uma ponta?

Antonieta - Meu Deus é 300, é 200, é 100... Agora eu não sei, quando me chamarem pra outro são outros cem mil reais. Eu agora sou uma mulher premiada (risos).

Entrevista - O que foi melhor de fazer? Teatro, cinema...

Antonieta - O teatro é uma escolha, o teatro é a vida. No teatro você tem um retorno, o público, o aplauso. É diferente.

Entrevista - Antonieta, embora o teatro não tenha dado uma compensação financeira, o que o teatro ensinou pra senhora, o que a senhora levou do teatro?

Antonieta - Ave-Maria, eu levei tudo, meu filho! Eu levei tudo... Eu recebi o prêmio do Rio de Janeiro, do filme, mas pra mim o meu maior prêmio foi receber Carlos Câmara, do

Em 1967, quando fazia "Os Dois na Berlinda", com Marcus Miranda no canal 2, Renato Aragão apresentava o programa "Video Alegre" na mesma emissora. (O Povo, 03/06/95)

Grupo Balaio, o troféu que só quem recebem são os grandes atores, então, eu já tô na galeria né? (risos dela) Já ganhei o Carlos Câmara!

Entrevista - Dona Antonieta, a senhora recebeu várias homenagens por parte da Fundação Cultural de Fortaleza...

Antonieta - Foi... Ai eu não posso esquecer de falar nisso!

Entrevista - ...Existe algum ressentimento pelo fato de a senhora estar na função apenas de recepcionista na instituição?

Antonieta - Não. Eu tenho um carinho muito grande pelo Cláudio Pereira. Depois da minha premiação, houve convite pra ir pra uma sala, ar-condicionado e tudo. Eu sou uma pessoa muito correta nas minhas coisas. Então eu perguntei a mim mesma: "Por que agora? Eu sou a mesma Antonieta, eu não mudei nada!" E eu continuei na minha recepção, recebendo meu povo. Seria na vassoura, seria em qualquer coisa, eu sou a mesma Antonieta, eu não mudei nada. Porque eu ia aceitar uma sala com ar-condicionado, se toda a vida eu tava ali? Eu sei que não é culpa dele. Certo que eu tenho respeito, tenho carinho por ele, é uma pessoa que faz tudo para agradar aos cantores, aos artistas da terra. Existe falha como existe com todo mundo, que ele não é santo, todo mundo tem seus defeitos. Mas não é uma pessoa pra chegar pejorativamente e dizer o que o senhor Paulo Linhares diz. É uma pessoa que valoriza, como me valorizou, como no dia 05 (de novembro), Dia da Cultura, deu prêmio ao Grupo Balaio, a pessoas que promovem o Maracatu, que rege uma orquestra da fundação que é o Frei Wilson. Ele é uma pessoa que dá a participação dele de gratificação ao artista na terra. Não dá mais porque você sabe que ele não é o dono da bola, dentro disso tudo, existe um processo de burocracia, de dinheiro e de tudo. Ele foi uma pessoa fantástica. Eu fui pro Rio de Janeiro buscar o troféu porque ele me deu a passagem, o senhor Cláudio Pereira me deu a passagem de ida e volta de avião e deu o dinheiro de estadia e tudo. Não foi o senhor Paulo Linhares que me deu, não! Porque o senhor Marcos Moura é lá da cúpula do Paulo Linhares, ele deu para os outros. Mas pra mim não, que depois o Marcos Moura quis que eu fosse também pra Brasília e eu procurei a Beth Jaguaribe (assessora de imprensa da Secretaria de Cultura do Estado) e nunca encontrei essa mulher. É uma agulha no palheiro. Eu nem tenho que falar po-

sitivo a respeito dessa figura, ele faz pela cúpula dele! Pelo povo que ele gosta. Mas o Cláudio Pereira não tem cúpula, vai do pequeno ao alto que ele tiver condição de ajudar... Não tô puxando sardinha pra lata dele, porque sou funcionária dele não, porque se ele tivesse defeito eu metia o pau nele também. Certo? Então é isso, a gente deve dizer a verdade.

Entrevista - Dona Antonieta, a senhora chegou a representar no mesmo dia que a sua mãe faleceu. Essa paixão pelo teatro, pela representação, acha que foi recompensada?

Antonieta - Me sinto, me sinto porque pra mim — eu não sou mercenária — no dinheiro eu sou uma pobre coitada, moro lá no Zé Walter, me escondo, funcionária pública, ganhando salário pequeno de 300 reais, não nego (pausa). Minha vida é um livro aberto, mas sou gratificada porque eu cheguei aonde eu cheguei com meus 60

“Eu continuo na minha recepção, recebendo meu povo. Seria na vassoura, seria em qualquer coisa, eu sou a mesma Antonieta, eu não mudei nada.”

anos e tô aqui com vocês. Este lugar aqui é pra quem tem nível superior, tem dinheiro, e eu pequena estou aqui, então eu agradeço a quê? À minha arte, à minha vida pela arte cênica.

Entrevista - Dona Antonieta, você acha que o teatro é uma arte mais dirigida ao povo ou uma arte mais para a elite?

Antonieta - Depende do diretor, porque você tem as peças para a elite e as peças para o povão. O Haroldo (Serra) sempre trabalhou para o povão, o Ricardo (Guilherme) trabalha para a elite.

Entrevista - A senhora participou de quase todos os grupos de teatro daqui. Certamente quando vai estreitar uma peça de outro grupo: “Vamos assistir aquela peça do grupo tal.” Existe muita fofoca no meio teatral, de falar do trabalho dos outros?

Antonieta - Ah, (grande suspiro) meu Deus, como existe. Todo mundo é bom e a lua falta uma banda. Todo mundo fala: “O meu espetáculo é o melhor: De fulano tava isso.” “Ah! O meu tava muito melhor!” Nunca dire-

tor, ator, vai assistir a um espetáculo de outro e acha que o espetáculo tá completo. É interessante, né? Pois é isso.

Entrevista - Dona Antonieta, com mais de 30 anos de teatro, você não corre o risco de trabalhar numa recepção e fazer o papel de recepcionista, de ir para casa num ônibus e fazer o papel de passageira ou isso aí é você?

Antonieta - Se eu conseguisse fazer um trabalho nessa vida que levo, né? De ser recepcionista, de ser uma passageira, eu faria com a criação de um tipo diferente.

Entrevista - Eu queria saber se realmente a senhora vive o dia-a-dia ou a senhora representa o dia-a-dia?

Antonieta - Você acha que eu não me sinto Antonieta trabalhando na recepção e pegando ônibus? Não, eu me sinto. É isso que você quer saber? É? Então eu lhe respondo: se eu fosse fazer uma recepção, como atriz, eu já não ia fazer a recepcionista simples como eu sou. Eu queria fazer uma recepcionista sofisticada, de cílios postiços, unhas, grampos, blazer que são outros cem mil réis. Não ia fazer essa Antonietinha aqui não, pra diferenciar da Antonieta da Fundação Cultural. E se fosse fazer uma passageira do ônibus eu queria fazer um frescão, pra ir toda sofisticada, como tem no Rio de Janeiro, que tem, né? Aquele povo chique...

Entrevista - A senhora reconhece que existe muita fofoca no meio, mas a Antonieta atriz não aceita que as pessoas de fora do teatro falem das pessoas do teatro...

Antonieta - Eu meto o pau, mas gente de fora não meta não, porque eu solto os cachorros, que é uma família, (pausa) é uma família.

Entrevista - É uma família, mas como é esse problema do sindicato aqui no Ceará?

Antonieta - Minha filha é uma coisa tão.... Não sei te responder porque eu sou sindicalizada já lá em Recife.

Entrevista - E por que não nasce o sindicato aqui?

Antonieta - Porque é uma burocracia... Pra quê? Eu pergunto a você, pra que sindicato aqui? Se só existe um grupo de teatro que paga cachê, pouco e irrisório, que é a Comédia Cearense? Se você não tem patrão pra que você ter sindicato, se pra fazer cinema vem de fora? Alguns curtas são feitos por gente nossa, como vem lutando o Rosenberg Cariry, como vem lutando o Marcos Moura, o Pedro Jorge, mas ninguém é patrão. Ninguém é patrão.



Depois que saiu de casa, B. de Paiva a ajudou a encontrar emprego através de Virgílio Távora (ex-governador, já falecido). Assim, Antonieta tornou-se recepcionista da Fundação Cultural de Fortaleza.

O professor Ronaldo Salgado não se sentou à mesa onde se deu a entrevista. Antonieta perguntou se ele não iria fazer nenhuma pergunta.



Apesar de ter no seu currículo cursos de direção teatral, Antonieta nunca pensou em escrever ou dirigir peças, pois gosta mesmo é de ser dirigida, disse para O Povo em 03/06/95.

Porque os cachês são pequenos. Tá certo que ele paga as grandes estrelas, pra elas tem dinheiro! Para elas tem dinheiro porque a Secretaria de Cultura paga, não sei mais quem paga. Para nós não, nunca tem dinheiro pra nada.

Entrevista - Se vocês se juntassem não ficaria melhor não?

Antonieta - Pra que, se são desunidos? Quem é que vai? (ri) Quem vai?

Entrevista - De que forma a Secretaria de Cultura poderia valorizar um pouco mais os atores antigos, que ações poderiam ser feitas?

Antonieta - Ah, ele não valoriza porque existem panelas, e aonde tem panelas não pode ter progresso. Isso aí faz parte. Se fosse no Rio, não! No Rio tem mercado. No Rio se você não trabalha na Globo, você trabalha na Bandeirantes, você trabalha na Record, você trabalha de cá pra lá, você tem um sindicato respeitado.

Entrevista - Afigura do Paulo Linhares não se torna então uma espécie de patrão? Não seria um motivo para que o sindicato se organizasse?

Antonieta - Patrão de quem, meu filho?

Entrevista - Quando ele privilegia as panelas ele, de certa forma, tá proporcionando um espaço...

Antonieta - Se você tem que ajudar os artistas, tem que ir ao todo, não tem esse negócio de panelas. Lá no Rio de Janeiro não tem esse negócio de panela, não. Existe a máfia da Globo, só entra quem o Boni (José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, vice-presidente das Organizações Globo) quer, mas quando chega lá você enche o bolso de mufunfa (bate nas pernas). Você enriquece. Você aparece em comercial, aparece em peça de teatro, aparece em tudo, porque ali lhe fez. Aqui quem é que vai? Por exemplo, esse projeto não sei que Jereissati...

Entrevista - A Lei Jereissati.

Antonieta - A Lei Jereissati, isso aí é uma coisa do... Vai eu pedir uma passagem se ele me dá? Dá nada meu filho. Eu vou agora em janeiro para a Bahia, fazer o filme, depois eu quero passar um mês, dois da minha licença especial pela Fundação no Rio de Janeiro. Paulo Linhares vai dar? Vai me dar ajuda? Dá nada! Nem me arrisco! Nem me arrisco! Eu sou é linguaruda e não tenho medo de falar, que não tenho o rabo preso, não devo nada a ele!

Entrevista - A senhora admitiu que existe a panelinha, no caso a pa-

nela. Reunir alguns atores em torno do sindicato não seria uma forma de quebrar com isso?

Antonieta - Olha, uma pessoa que chega da Alemanha, e tem carta branca no Ceará, pra ter a ousadia de dizer que é diretora de teatro, que não existia teatro no Ceará, que aquela cabrita abriu a boca pra dizer isso...

Entrevista - Quem?

Antonieta - Nehle Frank, aquela loirinha. Vocês assistiram à "Matança de Porco"? Pois é gente, desrespeitar. Eu duvido que um de vocês vá lá pra Alemanha, ator, pra ver se a Alemanha te dá, casa, comida e roupa lavada, cachê... Dá não! Aqui é o leque das injustiças. Minha gente não peça pra eu falar muito, porque eu vou falar (risos de todos). Eu vou falar e eu vou ser queimada e eu pouco me importo. Tô com 60 anos, já ganhei meus prêmios e vou me embora e bye, bye Brasil (risos).

Entrevista - A senhora chegou a

ela, que é uma pessoa boa. Mas não funcionou aquela coisa ali, sabe? Eu tenho pena do Rosenberg...

Entrevista - Por quê?

Antonieta - Porque eu sou mais o Marcos Moura, que fez com gente nossa e ganhou prêmio nacional. Ele ganhou o quê? Quem ganhou o prêmio, ainda repartido para outro ator, o Quiquito? Quem ganhou foi o (ator) Chico Diaz. Chico Diaz é nosso?

Entrevista - A senhora sofreu muito preconceito, por parte de sua família e da sociedade, por ser mulher, metida em teatro, naquela época?

Antonieta - Quando eu senti que estava dando problema para minha família eu saí de casa.

Entrevista - E quando a senhora casou... O seu marido aceitava?

Antonieta - Meu marido é um operário, é uma pessoa maravilhosa...

Entrevista - Ele aceitava?

Antonieta - Aceitava (fica pensativa). Lindo, lindo, ele não se omitiu em nada, é uma pessoa simples, sabe? Pessoa....

Entrevista - Pois é, ele casou sabendo, né?

Antonieta - Sabendo. É uma pessoa do povo, pessoa sem preconceitos e tal.

Entrevista - A sua saída de casa foi consequência da cena de nudez. Apesar de ser...

Antonieta - Foi, foi... Nudez não! Não houve nudez... pelo amor de Deus!

Entrevista - Sim, foi uma cena de cama, foi isso que eu associei a nudez, foi uma consequência disso. A senhora disse que sempre foi audaciosa, mesmo com essa audácia, no momento que fazia aquela cena não chegou a pensar nessa consequência, no que poderia realmente vir?

Antonieta - Não, eu nunca me preocupo com o que vem. Eu sempre quero fazer, quero acontecer.

Entrevista - Dona Antonieta, essa fantasia que se tem em relação a ator, são pessoas muito (como a senhora mesmo diz) porra-louca, gostam de beber, gostam de sair, se divertir. Como é conciliar isso? Conciliar isso com a família não foi possível, a senhora saiu de casa, e conciliar isso com o casamento, como foi?

Antonieta - Quando eu era solteira, eu era porra louca. Depois que eu casei, eu me tornei a senhora (pausa) Noronha, Francisco Sérgio de Souza

“(...) Eu era porra louca. Depois que eu casei, eu me tornei a senhora Noronha (...). Eu me vesti de uma personagem, dona-de-casa.”

fazer três comerciais pro Governo do Estado para o Projeto São José... A senhora relutou em fazer esse trabalho ou foi um trabalho como outro qualquer?

Antonieta - Eu fiz um teste... Chegaram: “Você tem a cara da tia Mariquinha.” E eu fui fazer a tia Mariquinha porque foi um cachê mais ou menos, foi o melhor cachê que eu ganhei. Mil reais... Pra quem não tem nada é uma boa (ri). Quem é que não faz? Eu sou uma atriz, eu estou lá para desempenhar meu papel, né?

Entrevista - Com certeza.

Antonieta - Não foi pelos meus lindos olhos azuis... (risos de todos)

Entrevista - A senhora falou do Rosenberg Cariry que não convida, não privilegia os atores cearenses. Mas como a senhora avalia a participação no filme em que fazia a Dadá velha?

Antonieta - Eu não fiz Dadá velha. Ele me convidou, eu perdi o texto e depois ele não me chamou mais e botou aquela bobagem da (atriz) Regina Dourado, que eu tenho respeito por

Antonieta já recebeu 11 prêmios: cinco troféus e seis placas. O que mais a gratificou foi o Troféu Carlos Câmara, de 1995.

Noronha que era o nome do meu cônjuge, que é o nome dele. Então houve uma transformação, eu me vesti de uma personagem, dona-de-casa...

Entrevista - Durante 17 anos....

Antonieta - Durante 17 anos. Tive minhas filhas, criei minhas filhas, minhas filhas que...

Entrevista - A senhora parou com o teatro nesse tempo?

Antonieta - Não, continuei trabalhando. Só não continuei a fazer o que fazia, não é? (ri). Depois voltei novamente à vida ativa do tempo da juventude, hoje eu bebo, eu danço, eu fumo. Lá no Bec 6:30 (Projeto de espetáculos no Teatro José de Alencar) eu tô ótima (risos).

Entrevista - Tem um amor?

Entrevista - É eu queria que a senhora falasse disso aí.

Antonieta - Não, amor eu não tenho porque um foi o suficiente.

Entrevista - Eu noto que a senhora tem reserva de falar do seu casamento e dessa parada que a senhora deu, fechada pra balanço amoroso. Por que a senhora parou? Não aconteceu ninguém, a senhora abusou...

Antonieta - Não aconteceu porque eu sou uma pessoa (pequena pausa) que eu tenho um certo carinho por uma determinada pessoa que é meu ex-esposo. Ele é o pai das minhas filhas, quando ele me deixou já foi cinquentona. Eu sou independente, eu não quero estar presa mais a ninguém, de dizer: "Faça isso, faça aquilo." Eu não sou dona de casa, se hoje eu quero almoçar com você eu vou almoçar, se eu não quiser eu não vou.

Entrevista - A senhora mora sozinha?

Antonieta - Eu moro com a minha filha vizinha a mim. É uma casa que fiz com a minha parte e a parte dela. Então, sou uma pessoa que se hoje eu quiser ir beber com vocês, eu vou beber.

Entrevista - A senhora não se sente sozinha?

Antonieta - Não, eu não tenho medo da solidão.

Entrevista - Lida bem com a solidão?

Antonieta - Muito bem, obrigada. Eu não vou dizer que eu sou uma alcoólatra (risos de todos). Mas eu bebo, vou dormir meu sono, numa boa, e vou me adaptando, vou levando a minha vida.

Entrevista - Dona Antonieta, apesar de não ter tido muito sucesso no

casamento, ter se separado, eu noto que a senhora fala com muita ternura da sua família, dos seus netos. Eu gostaria que a senhora falasse um pouco do que significa a família para a senhora?

Antonieta - A família para mim foi muito importante, porque eu casei com uma pessoa simples, uma pessoa que me respeitou no tempo que a gente viveu juntos. Houve a separação porque eu já estava com 50 anos, nessa vida de roda-viva que eu levo, né? Essa vida que eu levo de... louca que eu já me esqueci. Que é que eu tava falando?

Entrevista - Da família, tava falando da família.

Antonieta - Sim. Então significa porque o meu esposo foi uma pessoa muito importante. Ele me deu amor, me deu carinho, nos 17 anos que a gente viveu juntos. Agüentei porrada porque ele bebia, segurei a barra, eduquei minhas filhas até quando elas quiseram. Uma é professora e a outra tem

"Um velho não vai me querer porque só quer uma de 15. E homem novo o que vai querer comigo, que eu não tenho dinheiro, feia, pobre?"

científico. Não continuaram porque acharam de quebrar a cara no casamento, né? Isso me angustia muito, só o que faz esquecer essa barra é meu neto. Quando eu chego em casa ele está ali. Talvez seja até a causa d'eu ter encontrado o copo — eu já gostava de beber, mas (pausa) mais ultimamente. Por causa dessa decepção...

Entrevista - O seu neto tem quantos anos?

Antonieta - Tem quatro anos. Então (pausa) quando nos separamos eu tinha 50 anos, quer dizer, ele é mais novo do que eu 12 anos. A nossa vida sexual foi enfraquecendo, por causa do meu tempo de trabalho, cansaço, fazia uma peça, viajava — eu viajava muito com a Comédia Cearense — e nesse ínterim ele procurou uma companhia. Você agüentou porrada, agüentou isso, agüentou aquilo, e agüentar mulher? Eu andei, viajei, nunca me embelei por ninguém... Tudo bem. Arranjou companhia, ponto final e acabou. Se ele, que foi a pessoa que casou comigo, de mais idade do que a

dele, e me deu tudo isso, porque eu vou achar que uma pessoa de 60 anos vá se embelezar. Um velho não vai me querer porque só quer uma de 15. E homem novo o que vai querer comigo, que eu não tenho dinheiro, feia, pobre, o que ele vai arranjar comigo? Nada! (bate as mãos) Então eu não vou me embelezar por fulano, por sicrano, curtir uma ilusão, não dá.

Entrevista - A senhora sente alguma frustração por gostar muito de teatro e não ter conseguido transferir isso pra suas filhas?

Antonieta - Elas têm horror! Horror porque eu sou pobre. Eu não enriqueci, e o povo enriqueceu à custa do meu talento. Porque eu não enriqueci isso trouxe uma revolta pra elas.

Entrevista - E pra senhora, a senhora não sente nenhum frustração?

Antonieta - Eu não! Eu sou feliz.

Entrevista - Como é que é o relacionamento da senhora com suas filhas e seus netos, hoje?

Antonieta - Não é bem porque (pausa) eu não queria que elas tivessem casado. Ai é que pergunta: "Por que a senhora casou?" (risos) Mas é que eu tenho pano pra manga que vocês não têm. Eu podia agüentar barra, vocês não podem. O netinho está morando comigo, quer dizer, sou eu, né? Me afastou das minhas filhas. O carinho que eu tinha por elas, aquela coisa linda, grande, eu cuidava com maior carinho, acabou aquele sonho. Eu sou uma pessoa que eu me engano, eu me engano, sabe? Eu não trato de alimentar tristeza, mas que lá no fundo, no fundo, no meu ego, deveter um pouquinho de tristeza, decepção. Mas eu consigo suplantar.

Entrevista - Dona Antonieta quando perguntaram sobre o seu talento, que a senhora falou que tinha um dom, a senhora fez um sinal pra cima, atribuindo como se fosse uma coisa divina. A senhora acredita em Deus?

Antonieta - Acredito, acredito muito em Deus.

Entrevista - A senhora é religiosa?

Antonieta - Não sou praticante, não vou à igreja, mas eu acredito que existe uma coisa diferente. Não sei, ninguém nunca vai saber.

Entrevista - Pois eu tinha justamente um papel pra senhora, o papel de Deus. A senhora agora é Deus e vai fazer o roteiro da vida da Antonieta. O que a senhora mudaria?

Antonieta - O que eu mudaria? Como eu, Antonieta Noronha?



As filmagens de "Dora Doralina", onde contracenou com Vera Fisher e Perry Sales, foram realizadas na fazenda de Rachel de Queiroz em Quixadá. [O Povo, 03/06/95]

Rosemberg Cariry a convidou para fazer o papel de Dadá velha no filme "Corisco e Dadá", ela pediu o texto mas ele não a chamou novamente.



Antonieta já contracenou com os globais Otávio Augusto, Thales Pan Chacon, Cláudia Ohana e Cleide Iaconis.

Entrevista - A senhora é Deus...
Antonieta - Eu Deus?

Entrevista - ...E vai falar da vida da Antonieta, vai traçar o destino...

Antonieta - O destino dela?

Entrevista - O que é que Deus mudaria desse roteiro pra hoje?

Antonieta - Eu acho que ele não mudaria nada. Ele me deu o meu talento, é apenas impressão minha que eu tenho esse talento porque ele determinou a minha matéria, em vida. Ele disse: "Tu nasceste com talento. Então tu tens duas linhas de vida, de saber o que você acha certo e o que não acha." Eu faço minha arte por amor, porque se eu quisesse ser rica, eu era. Eu ia fazer meu grupo e geralmente todo mundo que tem seu grupo tem sua casa boa (graças a Deus minha casinha é boa), tem seu carro, tinha sua vida estável.

Entrevista - Vivia fazendo oficina, né?

Antonieta - Vivia fazendo oficina, picaretagem (risos). Eu não tenho porque esse destino quem traçou foi eu, não foi ele. Ele me deu talento, mas ele não determinou, faça isso ou faça aquilo, como eu, mãe, queria fazer com a minhas filhas. "Você vai ser isso, sonhei pra você se formar, ser doutora, ter o seu futuro", queria o bem pra elas. Mas elas não quiseram, então... Deus não determina ninguém. Ele te dá o dom.

Entrevista - A senhora então faria tudo do mesmo jeito, casamento, vida artística?

Antonieta - Faria tudo de novo. A experiência é uma base da vida.

Entrevista - Antonieta, na sua blusa tem escrito assim: "Meu gosto é simples, gosto só do melhor." O que é o melhor na vida pra você?

Antonieta - O melhor da vida é você estar bem com você mesmo, sem fazer mal ao seu próximo, sem puxar tapete de ninguém. É você ter sucesso. Porque eu dizer que sou contra os oficinheiros eu não estou tirando tapete de ninguém. É um ponto de vista meu, que eu não faço, mas também quem quiser fazer que faça. Agora eu não faço! E acho errado, porque fica aí um monte de sonhadores querendo ser ator da Globo, querendo ser ator de não-sei-quê, e não sai disso porque não tem talento. Fez oficina, vai fazer outra, curtindo a vida... Não é curtição, não é curtição...

Entrevista - A senhora fala que não tem medo da solidão. E olhando para exemplos de atores e atrizes da

sua época que hoje estão em situações não muito boas, como a Gasparina Germano, Clóvis Matias (a primeira hoje está esclerosada, pedindo esmolas no centro da cidade. O outro, teve uma trombose, está imobilizado e na miséria)...

Antonieta - É triste...

Entrevista - A senhora não pensa em também chegar a uma situação como essa?

Antonieta - Não, porque eu tenho meu emprego, eu tenho minha casa pra eu morar. Se eu ficar afastada de tudo, eu tenho a recordação que vai preencher minha vida, tenho meu salário para eu sobreviver. Não preciso estar pedindo na porta, batendo na porta dos futuros atores pra me ajudar, porque o pouco que eu ganho dá pra me manter. Não tenho ambição nenhuma.

Entrevista - A senhora já ganhou prêmios, já disse que não tem pretensão de ir pro Sul...

"No aperreio me esqueci de vestir a calcinha de fru-fru. Eu entrava dançando, rodopiando, e eu rodopiando (...) Sem a sunga e o povo rindo da minha bunda"

Antonieta - Só pra passear (risos).

Entrevista - ...Como atriz cearense, o que seria o reconhecimento do seu trabalho no Ceará?

Antonieta - Eu não sei lhe responder (pausa) o que é reconhecimento. O reconhecimento, que eu acho, só é eu trabalhar, fazer até quando der meu trabalho com dignidade... Vocês um dia vão assistir, vão ficar gratificado ou não, vão encontrar os defeitos e as virtudes do meu trabalho. Eu não tenho que procurar cobrar ninguém, por um sucesso ou insucesso. Minha própria vida, o meu sucesso, sou eu mesmo, convencer as pessoas que realmente eu sou isso. Eu subir numa escada pra ir até a eles eu não vou. Aliás, tudo que eu fiz até hoje, não precisei de paparicar ninguém. Fiquei felicíssima de receber o meu prêmio porque não fui votada por ninguém daqui. Fui votada por gente de fora, porque se fosse ser votada pelo povo daqui eu não tinha ganho nem uma passagem de trem. Então o que eu ganhei, o que eu fiz foi porque (não as pessoas que eu

estava trabalhando, diretores e tal, não valorizaram) quem me valorizou foi o público. O público foi que achou que eu tinha talento.

Entrevista - Hoje que recordações vêm mais à sua cabeça quando para e olha pra trás? Histórias engraçadas... Tem o caso do Simpático Jeremias em Teresina (ela ri). Como foi essa história e outras?

Antonieta - É, a gente veio de Manaus com "O Simpático Jeremias" e fomos fazer o espetáculo... Eu queria uma aguazinha, acabou? Vocês sabem que é aquela coisa avoadá. O teatro 7 de Setembro não tinha ainda os camarins, foi preparado uns biombos, uns biombozinhos, e naquela troca-troca de roupa... A minha roupinha era de criada, porque a Elisa era uma criada que se apaixonou pelo Simpático Jeremias. A peça é de Gastão Tojeiro, que eu nunca vi autor pra gostar tanto de empregada (risinhos), toda peça dele tem uma empregada. O meu vestidinho

azul, muito "frocado", com chapuzinho assim, a coxa muito grossa e tal, com umas meias com aquela cinta liga, meia grossa e tal, e tinha (ri) uma sunga, uma sunga com babadinho (É folclórico né?), um babadinho... Aí eu me esqueci de vestir, no aperreio me esqueci de vestir a calcinha de fru-fru. Eu entrava dançando, rodopiando, e eu rodopiando e a platéia: "Ca-ca-ca-ca..." E eu: "Valha me Deus, que é isso?" Comigo mesmo (risos). E eu rodopiava e fazia a cena todinha, quando eu terminei que entrei em cena eu: "Hiramisa, que diabo é que o povo ria tanto?" (risos) "Mulher, tu entrou sem a sunga, diabo!" (risos). Eu digo: "Valha me Deus como eu sou louca!" Sem a sunga e o povo rindo da minha bunda (risos).

Entrevista - De acordo com o que a senhora disse agora, a gente podia assistir ao teatro e ficar gratificado ou não. Parece que a senhora se relaciona muito bem com as críticas da atriz. Eu queria perguntar como é que a senhora se relaciona com as críticas à mulher Antonieta, críticas de amigos, da família, das pessoas que rodeiam a senhora?

Antonieta - Eu não me preocupo, meu filho. Eu sou consciente do que eu sou ou deixei de ser. Se falarem que eu sou porra louca, eu sei que eu sou porra louca. Se disserem que eu sou pobre, eu sei que sou pobre. Na época (no início da carreira) não deixava eu falar, não deixava eu ler texto, porque eu lia ruim e falava ruim. As pessoas sempre quando têm complexo é que ficam preocupadas com isso e eu nunca me preocupei, minha preocupação era fa-

O que mais irrita Antonieta é a falta de oportunidade na profissão que escolheu, já que considera que não dá para ganhar a vida como ator, no Ceará.

zer meu trabalho. A Hiramisa dizia que eu era nervosa, a Hiramisa dizia que eu era doida, mas isso nunca me afetou porque eu queria fazer era teatro. Então se eu fosse me afetar com isso e não ia fazer nunca. Se eu fosse fazer esse complexo... Fazer complexo comigo, eu não. No dia que iam almoçar fora, jantar fora, que chama só a cúpula, podia ir a cúpula, não chamaram a Antonieta, a pobre Antonieta não ia, tudo bem. Eu ia para minha casa, pegava meu ônibus e ia me embora. Não era um prato de comida ou mais ou menos melhor do que a minha que me humilhasse não. Nunca nada me humilhou, eu sempre fui eu. Eu sou leonina, e leonino nunca deixa se abater por pequenas coisas. Ele é muito forte.

Entrevista - Você afirmou uma vez que queria ser a Henriqueta Briebe do Ceará...

Antonieta - Eu? Quem? Eu disse? (risos)

Entrevista - Afirmou, afirmou numa entrevista pro Jornal "O Povo".

Antonieta - É, eles perguntaram se eu me considerava. Eu digo: "Você que acha, se tá achando que eu sou..."

Entrevista - Eu queria perguntar que atrizes a senhora admira no cenário nacional e internacional?

Antonieta - Nacional eu admiro a Fernanda (Montenegro), admiro a Marília (Pêra), admiro a Henriquetinha, linda, maravilhosa, que deu tudo de si, né? São pessoas que eu não chego nem perto porque eu não tenho o estudo que elas têm. Elas são profissionais, o pão de cada dia delas é a arte. Eu não vivo da arte... eu faço a arte porque eu nasci para ser atriz. Eu nasci pra representar. Ou mambembe, ou atriz clássica, eu não sei, eu só sei que faço teatro. E não estou preocupada se eu sou atriz de primeiro mundo ou de terceiro mundo, eu só sei que eu faço o que eu gosto.

Entrevista - E que sonhos a atriz Antonieta e a mulher Antonieta ainda não realizaram?

Antonieta - Ai tem muitos... e que não vão acontecer porque a idade não permite mais, pode ser, sei lá, né?

Entrevista - E quais são?

Antonieta - Fazer um grande trabalho fora daqui que me dê respaldo e nome. Certo? Nome e respaldo financeiro que também não me interessa não, mas dinheiro é bom, e você quer, claro. Não vou dizer que se aparecesse um cineasta de outro país que me

convidasse... Não é pretensão minha não gente! Eu não estou dizendo isso querendo dizer que eu vou ser... Se por acaso, que tudo no mundo pode acontecer, num estalo: "Eu vou levar aquela veinha (risos) pra fazer um filme acolá." E acontecesse, se acontecer, né?

Entrevista - Agora a senhora acabou de falar que "se a idade permitir..." Como é que a senhora se relaciona com a idade, o que é a velhice pra senhora?

Antonieta - A velhice pra mim uma coisa linda, porque eu sou velha mas não sou amiga de velho (risos). Eu sempre me relaciono muito bem com gente novo, como vocês aqui. Meus amigos são gente nova (pausa) lá na praça (José de Alencar) com o (ator) Joca (Andrade), com o (ator) Paulo Ess, com gente jovem, o pessoal que tá começando que pede meu ponto de vista, e tal. E vou me entrosando com eles e pedem para eu assistir as peças

"Quando eu morrer que eu vá com a última roupa, ou do comercial, ou do cinema, ou do teatro, me vista, me maquie, para eu chegar lá pro JC linda e maravilhosa."

e eu vou. Quer dizer, eu não fiquei retrógrada, lembrando o passado, que meu teatro só funcionou o de 64... Não! Não, não tem atores que façam um grande espetáculo que aconteceu na época áurea da Comédia Cearense, né? A única coisa que pintou foi essa "Matança de Porco", porque tinha grandes atores, tinha o Joca, tinha o (ator) Roger Rogério, deu pra fazer um espetáculo bonito. Então só aconteceu isso! Aconteceu isso (sussurrou). Mas eu tô procurando, eu tiro o chapéu para o Marcelo Costa que está aí com "A Bailarina" (de Carlos Câmara). O Marcelo tenta fazer grandes espetáculos, ele é muito caprichoso, é uma pessoa que quando pensa em fazer um espetáculo no ano de 97, agora ele já tá preocupado no figurino, o guarda-roupa e tudo. Ele contorna as coisas, ele faz o espetáculo dele, que eu vou assistir, que eu me divirto. Tem pessoas, por exemplo, o Deugiolino (Lucas), eu tiro o chapéu pro Dejó... Deugiolino muitas vezes eu tiro o chapéu (sussurra), sabe?

Entrevista - Antonieta, como é que a senhora se relaciona com a ideia da morte?

Antonieta - Meu filho num fale disso não (risos). Quando ela chegar, eu vou linda, maravilhosa. Já pedi a todos os meus amigos: quando eu morrer que eu vá com a última roupa, ou do comercial, ou do cinema, ou do teatro, me vista, me maquie, para eu chegar lá pro JC linda e maravilhosa (risos). Abra o cenário para eu me encontrar com o (ator) Arnaldo Matos, lindo, meu Calu (emocionada), que Deus levou (baixinho). "Calu" (de Carlos Câmara) a peça linda, quem assistiu? Ninguém assistiu (sussurra). "Calu" a peça linda demais...

Entrevista - O mal do teatro dona Antonieta é que você assiste a uma peça e não pode mais revê-la. A senhora falando dessas peças todas e a gente não pode mais assistir...

Antonieta - Mas se o Haroldo for cair na besteira de montar, aí os diretores tudinho: "O Haroldo só remonta as coisa velhas". Aí mete o pau no Haroldo! E o Haroldo, que só monta coisa antiga, "Rosa do Lagamar", "O Morro do Ouro" (ambas de Eduardo Campos), "O Calu", "Alvorada" (de Carlos Câmara) e não sei mais o quê, o "Simpático"... É, se ele for montar, o povo vai meter o pau nele, os diretores de teatro. Só querem montar Nelson Rodrigues. O Haroldo quer fazer para o público essa peça, mas porque fez na década de 70, de 80, não pode reprisar porque o Haroldo tá tirando o mofo.

Entrevista - E a geração mais nova não conhece, né? Nem diferencia teatro de cinema.

Antonieta - "O Calu" foi lindo! (emocionada) O Arnaldo Matos foi um ator fantástico! Que Deus levou no ano passado (sussurra). Se foi no ano passado... Lindo...

Entrevista - Pois a gente chegou na nossa hora de...

Antonieta - Terminar, né?

Entrevista - É, se a senhora quiser ficar...

Antonieta - Me esqueci de contar um pouquinho dos acidentes que você falou. Eu fui presa no Quixadá (município da região central do Estado, a 160 km de Fortaleza), na terra da Maria...

Entrevista - Como?

Antonieta - Eu fazia a lavadeira, com a lata na cabeça, toda esfarrapada, toda suja e o guarda pegou na minha mão... e eu entrava fora de cena. Quando eu fui entrando: "Cê tá presa!" (risos) E a Hiramisa deu a deixa lá e eu: "Pelo amor de Deus! Deixe eu entrar que a criatura..." "Não, você não entra



Em 1991, Antonieta quebrou a perna num acidente de carro e passou 7 meses imobilizada na cama. Ela temia que não pudesse mais caminhar.

Antonieta demonstra uma predileção pelos trabalhos cearenses. Afirmou à nossa produção que não sonhava trabalhar com ninguém além do povo dessa terra.



Antonieta ficou estática ao falar da peça "O Calu". Foi um dos momentos em que mais se emocionou durante a entrevista. A morte de Arnaldo Matos marcou muito a atriz.

não!" (risos) Ai chegou o prefeito da cidade. O prefeito morto de vergonha: "Solte a mão da atriz". (risos) O outro foi lá no Aracati (município localizado a 170 km de Fortaleza). Fomos levar "A Alvorada", de Carlos Câmara (eu acho engraçado porque só acontecia as coisas comigo (risos) parecia um marca, um carma, com aquela chinelinha de rabicho: "Dia de festa se anuncia..." (cantarola) A gente entrando e cantando, e eu Pá! A cara no chão. Pufo! A bunda para o público. O público começou a rir, a (atriz e professora) Erotilde Honório: "Chega, menino, a Antonieta morreu!" (risos) Comecei a ver estrelinha... "Ela tacou a cara no chão, Miranda pelo amor de Deus!" Ai foi um sufoco! São as coisas engraçadas que acontecem nos bastidores do teatro. Era essa coisa linda que eu tenho pra contar pra você, que é a história do Teatro Cearense, que o povo quer desrespeitar, mas que não é verdade. Houve um equívoco. O nosso teatro é desde 1956, na montagem da peça "E O

Vento Levou...", que foi uma grande montagem. Essas pessoas continuam e o Teatro Cearense não veio de agora não. Desde essa época. Que ele (refere-se ao Secretário de Cultura, Paulo Linhares) leia ou ouça esse nosso debate e não esqueça e não dê uma gafe dessa. Que me desculpe a minha sinceridade, que me magoou muito.

Entrevista - A gente queria agradecer a presença da senhora...

Antonieta - Muito feliz.

N.R.: Em resposta às críticas feitas pela atriz Antonieta Noronha, que acusa a Secretaria de Cultura do Estado (Secult) de discriminar determinados grupos de atores em detrimento de outros, e que, no dizer de Antonieta, favorecem a formação de "panelinhas" no meio teatral, a assessora de imprensa da Secult, Beth Jaguaripe disse à equipe de produção da re-

vista que ficou "surpresa com esse tipo de crítica vir de uma pessoa como ela." Beth explica que, "mesmo se existissem essas panelinhas, que não é o caso, a Antonieta estaria dentro delas, já que foi revelada nacionalmente como atriz a partir do filme 'O Amor Não Acaba às 15:30', um projeto subsidiado pela própria Secretaria." Para a assessora da Secult, "essa espécie de crítica veiculada por Antonieta não repercutiu mais no Ceará, já que todos os projetos culturais patrocinados pelo Estado são avaliados criteriosamente e selecionados com rigor, como mostra o exemplo dos projetos viabilizados pelo Instituto Dragão do Mar." Beth disse ainda que a atriz faz parte de um "grupo de pessoas que ainda se fiam nas políticas de balcão." Ela define essas políticas como "assistencialistas, que dão trocados a um e a outro, mas não implementam uma ação cultural efetiva no Ceará". Ela acrescenta que Antonieta tem um talento indiscutível.